

Guaíra, movida a agronegócio

Situada entre os rios Grande, Sapucaí e Pardo, Guaíra se destacou nos anos 80 pelo investimento de seus produtores rurais nas culturas irrigadas. Continua sendo o município paulista com maior número de pivôs de irrigação, 233. A agricultura expandiu após 1901, quando Joaquim Franco e sua esposa doaram terras para que o pequeno povoado pudesse se desenvolver.

Com a chegada dos imigrantes japoneses, na década de 50, a vocação agrícola de Guaíra se fortaleceu. A cidade chegou a ser conhecida como "Capital do Ouro Branco", referência às plantações de algodão, que tomavam conta da paisagem. Logo depois, com a irrigação, os grãos dominaram o campo. Situação que ainda prevalece, mas que vem perdendo força por conta dos problemas enfrentados pelos produtores: seca, câmbio desfavorável, falta de políticas públicas para o setor, doenças e pragas.

Para uma cidade que vive em função do agronegócio é uma situação complicada. A arrecadação da prefeitura e o dinheiro que gira pelo comércio dependem em cerca de 70% do setor.

É uma situação passageira, espera a administração municipal. Para evitar os problemas sanitários do ano passado, quando a produtividade caiu de 80 para 40 sacas de soja por hectare, foi lançada uma campanha para pulverização da safrinha, para prevenir a Tigüera, e conseqüentemente a Ferugem Asiática.

É graças ao sucesso no campo é que a cidade tem um dos melhores índices de desenvolvimento humano municipal (IDHM): 0,822, que leva em conta a renda, a longevidade e a escolaridade. São cerca de 35 mil habitantes, cujo

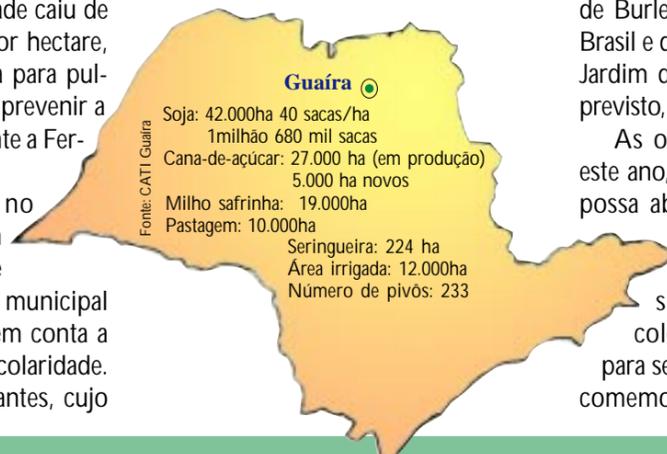


Foto: divulgação Prefeitura

Vista área do Parque Ecológico Maracá

rendimento médio dos responsáveis pelos domicílios gira em torno de R\$ 760,00.

Na área de saneamento o orgulho fica por conta da rede de esgoto. A estação de tratamento funciona desde a década de 70. O abastecimento de água atende 100% da população, assim como o asfalto e a iluminação pública. A coleta de lixo recebeu nota 8,3 da Cetesb. Para melhorar o conceito foi contratada uma empresa para recolher os resíduos infectantes, e está sendo implantada a coleta seletiva. Na área da saúde a rede municipal, desde o ano passado, vem sendo equipada para evitar que os pacientes da cidade tenham que ir até Barretos para fazer um eletrocardiograma, por exemplo. Mais de 15 equipamentos de média e alta complexidade de atendimento foram instalados nos últimos 18 meses.



Na área de educação e cultura os trabalhos em Guaíra são complementares. Oficinas extra salas de aula estimulam os alunos a frequentarem a Casa da Cultura e seus cursos de música, dança e artes plásticas.

O esporte em que Guaíra mais se destaca é o judô, em grande parte devido à influência da colônia japonesa local, que representa cerca de 30% da população. O judoca

Branco Zanol, várias vezes campeão paulista e pan americano, começou na Associação Guairense de Judô, e hoje desenvolve em várias cidades o Projeto Olímpico que leva seu nome. Funcionando desde 2001 na cidade, o projeto já colhe os frutos. A judoca Amanda Dutra foi medalha de bronze no último Pan Americano Juvenil, disputado entre 13 e 14 de abril nos Estados Unidos.

O cartão postal da cidade é o Parque Ecológico Maracá, com 50 hectares, projetado por Burtle Marx.

O paisagista, que visitou a cidade na década de 80, se encantou com o lago na entrada da cidade e projetou um parque no seu entorno. Para revitalizá-lo e fazê-lo voltar às suas características originais, foi lançado no ano passado o Concurso Nacional de Arte Pública, com apoio da Fundação Gilberto Salvador, que trabalha com obras de Burtle Marx. Setenta trabalhos do Brasil e do exterior foram inscritos. O Jardim das Esculturas, originalmente previsto, deve sair do papel.

As obras devem começar ainda este ano, para que em 2008 o Parque possa abrigar as comemorações do centenário da chegada do navio Kasato Maru ao Brasil. Guaíra, pela força de sua colônia japonesa, se inscreveu para ser uma das sedes nacionais da comemoração.



UM PASSO À FRENTE



Os resultados preliminares do Sistema de Gestão Territorial da Região Nordeste do Estado de São Paulo foram apresentados na Assembléia geral Ordinária de sócios da ABAG/RP. O trabalho inicial englobava apenas a área de abrangência da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto, 86 municípios, cerca de 37 mil km². O novo estudo alcança todo o nordeste paulista, 51.727,58km², ou 20,84% do Estado. Além dos dados de uso e ocupação das terras, indicadores ambientais, como água, solo e biodiversidade foram incluídos na pesquisa. A nova fase do projeto tem como objetivo fornecer subsídios para uma gestão sustentável das atividades agrícola e agroindustrial, e identificar cientificamente ações e mecanismos que permitam conciliar o desenvolvimento do agronegócio com a preservação ambiental.

As equipes estão em campo coletando dados. Amostras de solo e água estão sendo analisadas em laboratórios.

O trabalho tem grande potencial para a criação de índices de sustentabilidade, que consideram indicadores econômicos, sociais e ambientais. As etapas para a construção deste índice são:

1) definição dos princípios de sustentabilidade da agricultura brasileira, aplicáveis a qualquer agricultura do mundo; 2) criação de critérios de sustentabilidade nas diversas cadeias produtivas. A conservação do solo na cultura da la-

ranja difere da cultura da soja, por exemplo. Estes critérios serão estabelecidos em conjunto com os agentes das cadeias produtivas; 3) estabelecimento de padrões que variam em função das condições socioeconômicas e agro-ecológicas regionais; 4) definição dos índices.

O mundo, que precisa de alimentos, energia e fibras, busca incansavelmente respostas com vistas a um futuro equilibrado. Na última reunião da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), realizada em março, na Itália, agências espaciais de vários países discutiram a definição dos requerimentos que os satélites deveriam ter, nos próximos 10 anos, para monitorar a atividade rural. Ao apontar as experiências mais bem sucedidas, um grupo de ponta de pesquisadores da Europa mostrou que a validação para vários trabalhos deles

estava sendo obtida no Brasil, usando como referência o Sistema de Gestão Territorial da Região de Ribeirão Preto. Para eles, uma das melhores referências no mapeamento da agricultura por satélite.

Assim como o trabalho já disponível na home page da ABAG/RP www.abagr.org.br, o novo estudo tem como base um banco geocodificado de dados agrônômicos, ecológicos, sociais e econômicos, estruturados em um sistema conhecido como WebGIS. Esse sistema de gestão foi desenhado com base na possibilidade do seu uso na formulação de políticas voltadas para o desenvolvimento da região, tanto no setor urbano quanto rural, pois permite apoiar estratégias voltadas para o futuro. Um modelo reconhecidamente eficiente que pode ser ampliado para o Estado e para o País.



O pesquisador Evaristo Miranda, da Embrapa Monitoramento por Satélite, expôs os resultados preliminares do Sistema de Gestão Territorial da Região Nordeste de São Paulo

De olhos bem abertos

O Brasil precisa abrir os seus olhos, porque os do mundo estão voltados para ele.

Alguém sabe dizer quantas missões internacionais já estiveram no Brasil, em 2006, para conhecer o agronegócio brasileiro? Missões oficiais, extra-oficiais, privadas, científicas, ambientais...

Só a ABAG/RP recebeu três grupos: dois interessados no setor sucroalcooleiro, e um em política fundiária.

O grupo de produtores americanos do Texas Farm Bureau, encaminhado pelo Consulado Americano, visitou a região e se impressionou com o noticiário sobre invasões de terra. Não conseguia entender nem como e nem por quê terras produtivas eram invadidas. Como os produtores podiam trabalhar e investir num clima como aquele? Que tipo de providência o governo toma? Qual a vocação agrônômica daquelas terras? Que tipo de tecnologia é desenvolvida na região, e por quem? Saíram com quase todas as respostas, à exceção daquelas que também nós procuramos.

Outro grupo que visitou a região foi o de Ministros da Agricultura da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), entre os quais: Ministro Harison Randriarimanana, de Madagascar, Ministro Dikeledi Magadzi, da África do Sul e Gilberto Buta, de Angola, além de representantes do Lesoto, Namíbia, Congo, Tanzânia e Malauí.

Acompanhados pelo Ministro interino da Agricultura, Luiz Carlos Guedes

Pinto, pelo presidente da Embrapa, Silvio Crestana, e pela diretora da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, visitaram uma usina de açúcar e álcool e uma fazenda de produção de cana-de-açúcar. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária implantará um escritório em território africano ainda no primeiro semestre deste ano. Esta aproximação está diretamente ligada à excelência na tecnologia para agricultura tropical e semi-árida brasileira, desenvolvida pela Embrapa, e que será transferida para o continente africano. Para o Ministro da Agricultura de Angola, Gilberto Buta, várias etapas serão puladas, devido à experiência brasileira. Será a chance de o continente buscar o desenvolvimento. Ao visitar a usina o ministro lembrou que Angola, antes da guerra, foi produtora de cana-de-açúcar. Chegou a ter três unidades de produção de açúcar. "Com uma usina como esta, disse ele, resolveríamos o problema de todo o continente, mas por enquanto, vamos focar em reativar nossas três pequenas usinas, buscar a auto-suficiência de Angola e, depois, pensar até em exportação".

Os africanos foram embora pensan-



Peter Mandelson no laboratório de controle de qualidade de açúcar e álcool

do em voltar no mês de maio, para visitar a Agrishow e conhecer a tecnologia brasileira em máquinas e equipamentos.

Antes da reunião do Rio de Janeiro, na qual Brasil, União Européia e Estados Unidos discutiram a Rodada de Doha, da Organização Mundial do Comércio (OMC), o comissário europeu do comércio, Peter Mandelson, visitou a região de Ribeirão Preto.

Mandelson aceitou um convite informal feito pelo Ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, para conhecer uma das principais regiões produtoras de açúcar e etanol do mundo.

Acompanhado de seus principais assessores, o comissário europeu começou sua visita pela Coplana, Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba. Depois de uma apresentação sobre a cooperativa, a visita ao maior armazém de amendoim do mundo, com capacidade para estocar dois milhões de sacas (25kg) rendeu muita conversa sobre os entraves no comércio internacional. O superintendente da Coplana, Silvio Borsari, não se furtou a nenhum questionamento e sugeriu que a União

Europeia deixe de comprar o amendoim americano, que é subsidiado e faz o preço do produto cair mundialmente cerca de 30%. Perguntado sobre a reforma do açúcar, o comissário europeu foi lacônico, disse que "já começou". Borsari, em "tom de brincadeira", pediu para acelerar o processo para facilitar a vida do produtor brasileiro.

O almoço foi com o Ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues. Apesar do clima de cortesia e descontração, o comércio internacional foi o tema central das conversas. Para o ministro a tentativa foi mostrar ao comissário que não faz sentido esperar a negociação de Doha (OMC) para destravar

as negociações da União Européia com o Brasil. "É mais barato e rápido", completou Roberto Rodrigues. A posição de Mandelson não se alterou. Para ele o Brasil deve ceder mais no acesso a mercados, e ainda brincou: "...a União Européia só tem um bolso, e estão em curso duas negociações".



A Diretora Executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, observa enquanto o Comissário Europeu experimenta o açúcar brasileiro



Conversa franca entre o Comissário de Comércio Europeu, o Presidente da Coplana, Roberto Cestari, e o Superintendente da Cooperativa, Silvio Borsari

No período da tarde o comissário europeu visitou as instalações da Usina São Martinho, a maior unidade industrial do setor sucroalcooleiro do Brasil, com capacidade para produzir 500 mil toneladas de açúcar e 320 milhões de litros de álcool. As perguntas dos visitantes focaram na capacidade total de produção do Brasil e nas exportações. Ao

final da apresentação o comissário comentou: "...o que vi foi uma agricultura e uma capacidade organizacional de primeiro mundo. O Brasil, com sua competitividade e sua escala de produção, está privilegiado em relação aos países em desenvolvimento".

Em entrevista coletiva, Peter Mandelson afirmou que quer continuar trabalhando este ano por um acordo, e afirmou que o bilateral não pode ser esgotado pelo multilateral. Com a visita que fez, disse que espera reforçar e solidificar a parceria. Mas no encontro do Rio de Janeiro, EUA, Brasil e União Européia não chegaram a nenhum acordo. O prazo inicialmente previsto para o encerramento da rodada de Doha, da OMC, era o final do mês de abril.

Para a diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, o importante é aproveitar as oportunidades. Nesta visita à região de Ribeirão Preto o comissário europeu pôde ver que o Brasil não está blefando em relação à sua capacidade produtiva e o seu potencial para a geração de alimentos e energias limpas e renováveis.



Delegação africana após o plantio de uma árvore na Usina São Martinho